

Jornalismo e cidadania: experiências de projetos de extensão universitária em educomunicação¹

Claudia Irene de Quadros
José Carlos Fernandes
Juliane Martins

A construção do pensamento

A troca de saberes entre a universidade e a comunidade proporciona benefícios para todos os envolvidos. Na trilha de projetos de extensão que participam alunos do curso de Comunicação da Universidade Federal do Paraná, pretendemos descobrir de que forma o conhecimento é compartilhado e em que medida aprende-se, com o outro, a ser um cidadão mais crítico. Para Cássio Hissa (2013: 20), “a razão é feita de experimentação do mundo e o pensamento é feito de sentir. Ser afetado pelo mundo, portanto, é pressuposto da construção do pensamento”.

E a universidade, assentada no tripé ensino–pesquisa–extensão, deve se relacionar com o ambiente de seu entorno. Autores, como Sílvio Paulo Botomé (1996) e Méri de Oliveira Polichuk (1995), acreditam que desse tripé a extensão é a menos valorizada por educadores, autoridades educacionais ou governamentais. “Apesar de ser reconhecida como uma das faces sociais da universidade” (Polichuck, 1995: 28), falta refletir mais em relação à extensão. No cerne das discussões atuais, especialmente em função do Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024, as universidades têm colocado em pauta o lugar da extensão na graduação. Entre as propostas do PNE, está a inserção da extensão nos currículos dos cursos de graduação. O plano prevê que programas e projetos de extensão ocupem 10 por cento, no mínimo, do total de créditos curriculares. Se a extensão é indissociável do ensino e da pesquisa, por preceito constitucional, esse percentual causa contradição para muitos professores.

O tripé ensino-pesquisa-extensão deve garantir a formação humana e o processo do conhecimento. Neste artigo, vamos discutir a importância da extensão para a formação de comunicadores, como ênfase na de jornalistas. Na pesquisa exploratória, fizemos entrevistas semiestruturadas com alunos do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná que participam de projetos de extensão. Enquanto as Diretrizes Curriculares Nacionais transformam as habilitações em Relações Públicas, Jornalismo e Publicidade em cursos independentes, valorizamos a extensão como uma forma de integrar diferentes áreas para uma visão mais ampla da comunicação. Os projetos selecionados neste artigo procuram reunir alunos de diferentes habilitações e/ou cursos.

A extensão universitária e a conexão com a comunidade

Para uma universidade mais aberta e em conexão com a sociedade, como propõe Margarida Kunsch (1992), “é preciso democratizar a universidade. Um serviço de comunicação é o melhor caminho para a abertura de novos canais de diálogos e democracia, dentro e fora da universidade”. (Kunsch, 1992: 27).

Tal posição ratifica o pensamento de Paulo Freire (2001) da extensão numa perspectiva dialógica, comunicativa, sem transferir o conhecimento, mas construção conjunta e participativa dele (Forproex, 2006). Nem sempre é fácil alcançar esse objetivo, pois, a relação entre universidade e sociedade tem na visão extensionista de fato a figura do assistencialismo e outras formas. “Assim como nos projetos assistencialistas, a prestação de serviços se realiza com foco unidirecional, da universidade para a sociedade (...)” (Bezerra e Barreto, 2008: 6). Neste artigo, os projetos de extensão “MEPE – Mídia, Espaço Público e Educação” e “NECP – Núcleo de Comunicação e Educação Popular” foram selecionados por valorizarem a conexão universidade–sociedade como uma via de mão dupla.

Os programas de extensão podem redimensionar a ação da universidade, segundo Boaventura de Sousa Santos (1997). A “abertura ao outro” é o sentido profundo da democratização da universidade, o que vai muito além do acesso e permanência nela. Para o autor, “a legitimidade da universidade só será cumprida quando as actividades, hoje ditas de extensão, se aprofundarem tanto que desapareçam enquanto tais e passem a ser parte integrante das actividades de investigação e ensino” (Santos, 1997: 225).

A proposta não é servir aos interesses de mercado. Santos (2004) atribui à instituição uma participação na construção da coesão social, da democracia, lutando contra a exclusão social, degradação ambiental e na defesa da diversidade cultural. Por isso, Santos, defende uma reforma da universidade.

Em 2012, o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (Forproex) definiu a atual Política Nacional de Extensão Universitária,

na qual pontua que (...) é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade”. (Forproex, 2012: 8).

O documento destaca a extensão como via de mão dupla, que permite a troca de saberes acadêmico e popular e, conseqüentemente, valoriza a produção do conhecimento a partir da realidade brasileira e regional. Essa troca é responsável ainda pela democratização do conhecimento acadêmico e do envolvimento da comunidade com a universidade. “Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática, a extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social” (Forproex, 2012: 8).

A perspectiva educomunicativa

Incluir a comunicação como forma de promover a educação (e vice-versa) é proposta fecunda na tradição latino-americana, pois uma precisa da outra para seguir em frente, como pontua Adilson Citelli (2000). A partir disso, as possibilidades dialógicas de construção de conhecimento abrem-se para uma formação mais cidadã. Professores e alunos trabalhando juntos em prol da troca de saberes (Kaplún, 1985), na perspectiva de pensar a educação a partir dos próprios discentes (Orozco Gómez, 2014).

O professor deve procurar participar da vida do aluno e se inserir em seu contexto, valorizando-o, dando importância ao seu repertório, suas singularidades (Giroux, 1997). Trocar experiências e as provocar na sala de aula, para que se incentive o conhecimento do mundo, pela busca por metodologias de ensino que colaboram nesse processo, a partir da produção e não reprodução do conhecimento, como coloca Maria Aparecida Behrens (1999). Os projetos de extensão analisados neste artigo produzem conhecimento sempre a partir do diálogo, ouvindo o outro.

Com essa postura, segundo Freire (1997: 24-25, grifo do autor), o discente acaba por se assumir “como sujeito (...) da produção do saber, [convencido] definitivamente de que ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. A troca de saberes, um dos pilares da extensão universitária, mobiliza todos os envolvidos para a produção de conhecimento. No Mídia, Espaço Público e Educação (MEPE), por exemplo, a conexão com a sociedade, a “abertura para o outro”, transforma a visão de mundo e pode promover transformações na sociedade.

Nesse cenário, como aponta Behrens (1999), o professor assume a função de mediador, articulador crítico e criativo no processo pedagógico. Como produtor de seu próprio conhecimento, deve instigar os alunos a “aprender a aprender” (Behrens, 1999). Ele precisa ser um contínuo investigador, pois sua atitude reflete sua vivência, sua militância na busca da produção do conhecimento. No projeto de

extensão, a interação é ampliada com a participação da comunidade, com ganhos efetivos para todos os envolvidos. As relações estabelecidas no projeto de extensão são fortalecidas à medida que o conhecimento produzido de forma conjunta transforma a vida de cidadãos.

Projetos de extensão da UFPR: Mídia, Espaço Público e Educação

O projeto de extensão Mídia, Espaço Público e Educação (MEPE) é coordenado pelo professor de Letras da UFPR, Bruno Dallari. Participam alunos dos cursos de Letras, Educação e Comunicação. Idealizado no início de 2014, os membros deste projeto estão construindo um portal para atender professores do ensino fundamental e médio de escolas públicas com conteúdos midiáticos e sugestões para usá-los em salas de aula. A construção desse portal é realizada com o apoio de professores que participam do PDE – Programa de Desenvolvimento Educacional mantido pelo governo do Paraná. Esse projeto faz parte da política pública do estado para promover diálogo entre professores do ensino superior e os da educação básica. A proposta do PDE é gerar conhecimento e melhorar a qualidade de ensino na escola pública paranaense.

No portal em construção do projeto de extensão (<http://www.mep.ufpr.br/>) há um observatório do espaço público, no qual são destacados os conteúdos midiáticos selecionados por alunos e professores do PDE. A partir das apropriações da mídia é possível desenvolver práticas educativas para formar um cidadão mais crítico. “Os alunos aprendem a olhar os temas que estão em circulação no espaço público de outra forma, pois procuram compreender e identificar os sentidos nas falas de quem comenta o assunto”, destaca Amanda Sphair (2016) – estudante de Comunicação da UFPR que já participou do projeto.

Outros depoimentos registrados para o desenvolvimento desta pesquisa exploratória demonstram que este projeto de extensão é uma experiência interessante para a universidade, as escolas públicas e a comunidade. “Os alunos ficam mais motivados quando encontram sentido nos temas estudados. E, por isso, espero que o projeto coloque em evidência os problemas da comunidade para juntos encontramos soluções eficazes”, destaca Selena Bortoletto (2016) – aluna do curso de Comunicação que faz parte deste projeto de extensão.

As alunas entrevistadas acreditam que a educomunicação é um caminho possível para formar um cidadão mais crítico. Elas contam que tiveram visões de mundo transformadas e estão motivadas a mudar a realidade de muitos cidadãos. “Os alunos podem aprender de forma inovadora, com conteúdos atualizados. No ensino formal, aprende-se de forma mecânica. Acredito que a educomunicação pode estimular o estudante a aprender cada vez mais”, argumenta Sphair (2016). A interação dialógica destaca o relacionamento entre a universidade e a sociedade, com

base no diálogo e na troca de saberes. A comunidade participa de todo o processo do projeto, desde o planejamento até a avaliação das ações contínuas. Desse fluxo interacional, surge um cidadão mais envolvido com o próprio entorno. Além de estimular o aluno no processo educacional, Dallari (2014: 1) afirma que o projeto tem o objetivo de reforçar o “sentimento de pertencer e participar, como cidadão, da sociedade em que vive, entendida como uma comunidade de diálogo”.

A estudante de Letras da UFPR e de Jornalismo da PUCPR, Isabella Rocha (2016), conta que procurou o projeto de extensão para complementar a sua formação, pois teria a oportunidade de aliar a comunicação ao ensino das línguas. Aprendeu mais do que esperava, como técnicas de coleta, edição de dados e organização de pautas. O mais importante, no entanto, foi “conectar-se com a comunidade no processo”.

Projetos de extensão da UFPR: Núcleo de Comunicação e Educação Popular

O projeto de extensão NCEP – Núcleo de Comunicação e Educação Popular – surgiu em 2003 e está vinculado ao curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná. A proposta é estimular a discussão sobre comunicação popular e dar assessoria a movimentos sociais com o fim de promover a democratização dos meios de comunicação. O projeto é coordenado, atualmente, pelo professor José Carlos Fernandes e conta com bolsistas e voluntários de Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas. Neste artigo, vamos destacar três ações do NCEP.

Projeto A Laje e Folha do Sabará

A Laje é um jornal que nasceu como uma iniciativa do Movimento Nacional da População de Rua – MNPR, em atividade na capital paranaense. Todas as etapas de produção do jornal são feitas pelo chamado “povo da rua”. Os voluntários, com escolaridade média e superior, são parte dos aproximados 1,7 mil moradores em situação de rua e vulnerabilidade social de Curitiba.

Parte-se de uma reunião de pauta, divisão das tarefas, trabalho de campo, entrevistas e redação. Membros do NCEP, entre quatro e cinco, participam da reunião de pauta, quando oferecem subsídios para os voluntários, e na finalização do texto, sem que perca sua característica essencial – ter sido produzido por quem mora nas praças e nas marquises. Neste processo, os voluntários editam os jornais com os alunos, dentro da perspectiva da educomunicação. A ideia de uma formação crítica e reflexiva engloba uma preocupação cidadã e de responsabilidade social, em que se assume um compromisso diante da sociedade em suas ações (Citelli e Costa, 2011).

Titular, hierarquizar, escolher, legendar – avaliar legibilidade – entre tantas outras funções contidas na filosofia e técnica da edição passa a fazer parte de um

processo para pensar a natureza e o impacto da informação. “A educomunicação e o jornalismo cidadão dão acesso às realidades das pessoas, e tem que ser adequado muitas vezes com as possibilidades que encontramos”, diz a estudante de Comunicação Social-Jornalismo, Maria Fernanda Mileski de Paula (2016), que dá apoio editorial à comunidade da Vila Sabará. Para Mileski de Paula, é importante valorizar a independência e os discursos daqueles que participam do projeto. “O maior aprendizado é a possibilidade de usos das ferramentas de comunicação por diversos agentes sociais.” (De Paula, 2016). A aluna destaca que pode ser emancipador colaborar com uma comunidade ou escola por meio de um jornal, rádio ou vídeo.

Todos os participantes do projeto transformam informação em notícia, sem separação entre os já iniciados na prática jornalística. A ideia é que a comunidade e os alunos sentem juntos e, nessa interação, tornem-se editores. Eles compartilham conhecimentos, aprendem em conjunto e reciclam o saber. Assim, esse procedimento deixa de ser uma etapa secreta, feita por notáveis, para se integrar ao processo de empoderamento da informação. A comunidade tem condições de vivenciar esses saberes e, conforme Freire (1997), mostrar caminhos de transformar a realidade em que se insere, dando visibilidade as suas ações.

A Folha do Sabará circula numa das mais controversas zonas de ocupação – dentre as mais de 250 áreas irregulares da capital paranaense. A Vila Sabará é uma das 80 áreas aproximadas que formam a Cidade Industrial de Curitiba (CIC). A ocupação se mescla a um imenso loteamento irregular, nascido da má fé de loteadores e do próprio poder público, que vendeu uma área particular. A fragilidade legal da região – impermeável à maior parte das políticas de regularização fundiária – fez com que em 30 anos de luta popular o Sabará se tornasse uma espécie de vila modelo do movimento por habitação.

O jornal – de circulação hiperlocal – é uma das expressões do grande campo de guerra em que se tornou a região. A equipe do NCEP também não está ali para “fazer”, mas para criar vínculo e se integrar ao debate. É a comunidade universitária não só falando de habitação, mas se aproximando do drama da moradia. A colaboração no processo editorial é só uma parte do trabalho. Não o esgota.

Projeto educomunicação em escolas

Em 2016, os membros do NCEP – Núcleo de Cultura e Educação Popular estão integrados a três escolas da rede estadual de Curitiba e Região Metropolitana: Colégio Estadual Manoel Ribas, Colégio Estadual Santos Dumont e Colégio Herbert de Souza.

No Colégio Estadual Manoel Ribas, que fica na Vila das Torres, ao lado da Vila Parolin – zona favelizada mais antiga de Curitiba, muitos alunos apresentam um alto índice de déficits de atenção e enfrentam diversos problemas sociais, como violência, exploração de trabalho infantil e exposição a entorpecentes. Motivos que

levam à evasão escolar. Nessa escola, a equipe do NCEP, realiza uma nova experiência: a produção de vídeos e vinhetas. Os 15 alunos do horário integral que participam desse projeto registram cenas de seus próprios dilemas e questões. A experiência criou expectativas entre os adolescentes, que aos poucos passam a roteirizar filmes e elaborar discursos a respeito da vila ao lado do maior cartão postal curitibano – o Jardim Botânico. Esse contraste não lhes escapa, como destaca Larissa Abrão (2016), estudante de Jornalismo da UFPR.

Vai muito além da experiência universitária de compreender melhor os conceitos de educomunicação e comunicação popular, que eu não conhecia. Do NCEP no geral até os projetos de extensão, o aprendizado está nos pequenos detalhes, na forma de discutir durante a reunião geral, ao conhecer os alunos do [colégio] Manoel Ribas ou os moradores do Sabará. Tudo vai além do âmbito profissional/acadêmico, contribui para mim como cidadã e pessoa. (Abrão, 2016)

O Colégio Estadual Santos Dumont, no bairro Guaíra, possui a melhor estrutura e a comunidade escolar se mostra mais integrada. A equipe do NCEP realiza uma oficina de rádio com os estudantes que fazem parte do grêmio estudantil. Matheus Piovesa do Nascimento (2016), estudante de jornalismo da UFPR, mostra que é necessário um refletir sobre a realidade de cada comunidade.

As ‘formas’ da educomunicação e do jornalismo cidadão já estabelecidas precisam ser adaptadas às realidades e possibilidades dos projetos. Seja pela falta de equipamento, de espaço, pela rotatividade dos membros, pela carga de conhecimentos que possuem previamente. Num geral, o engajamento é bom, mas em alguns casos, é preciso estimulá-lo entre os alunos, o que torna difícil aplicar os conceitos da maneira mais exata. (Nascimento, 2016).

No Colégio Herbert de Souza, em São José dos Pinhais, o NCEP colaborou para a criação do programa Rádio Z, que vai ao ar na hora do recreio. Em três anos, os estudantes identificaram lideranças na escola para conduzir o projeto. Em termos, a participação do núcleo não é mais necessária, pois já se deu a formação dos agentes e o próprio governo do estado atinou para a necessidade das oficinas de rádio, designando uma professora para fazê-lo, no contraturno. A discussão, no momento, é como se afastar, mas mantendo os vínculos, já que esse laço é parte do processo de comunicação popular.

Haitianos, uma parceria em construção

Na primeira metade de 2016, o NCEP se lançou num novo laboratório de atuação junto aos haitianos que vivem em Curitiba, aqui chegados a partir de 2010

e ultrapassando uma comunidade de 2 mil pessoas. Buscou-se, a priori, entender o estado de espírito dessa população. Duas frentes foram estabelecidas – uma junto à Secretaria Municipal de Direitos Humanos e outra com a Secretaria Municipal de Educação. Além da construção desses novos vínculos, os membros do NCEP fizeram inserções em dois centros de Educação de Jovens e Adultos (EJA) destinados aos imigrantes – uma na Escola Municipal Germano Paciornick, às margens do Rio Belém, no popular bairro do Boqueirão; outra na Escola Municipal Irati, no bairro do Cajuru – um dos maiores e mais contrastantes da capital.

Dessas imersões resultou o vídeo “O Haiti está aqui”, projetado na formatura de mais 120 haitianos no ensino de língua portuguesa, no início de julho de 2016. O documentário parte da pergunta “qual o seu sonho?”. As investigações anteriores mostraram que os haitianos querem falar do que sabem fazer, integrar-se, trazer a família, e que rejeitam serem vistos como vítimas e experimento social. A projeção teve excelente repercussão, por fugir aos clichês típicos quando se trata dessa comunidade. O projeto segue com a construção de um site para os haitianos, como resultado de oficinas noturnas, uma vez por semana, na Escola Municipal Irati. A proposta é aliar ensino da língua portuguesa e leituras do país que os haitianos escolheram para viver. Quanto à Secretaria Municipal de Direitos Humanos, a proposta é desenvolver uma web rádio com as “mulheres haitianas” – grupo da líder Laurette Bernardin. Nos moldes da educomunicação, esse grupo, informado sobre técnicas de comunicação, segue reproduzindo esse conhecimento entre seus pares. Matheus Piovezana do Nascimento (2016) fala da capacidade da comunicação nesse processo de interação com os haitianos.

Me chama atenção a capacidade que as ferramentas de comunicação trazem para que novos discursos sejam ouvidos, conhecimentos sejam difundidos e grupos sociais, os mais diversos, se façam visíveis. Além de observar que é possível produzir produtos comunicacionais com as mais variadas ferramentas, o que torna o processo mais fácil. (Nascimento, 2016)

Considerações

A formação do estudante se enriquece com a possibilidade de viver experiências diversas, ampliando seu universo. Procura-se despertar neles a consciência de seu protagonismo social a partir da própria formação. Assim, podem elaborar propostas que buscam compartilhar conhecimentos e técnicas da universidade com a sociedade e vice-versa, devolvendo, de alguma forma, o investimento feito nessa formação, a partir de uma visão cidadã.

Os projetos de extensão de extensão da UFPR apresentados neste artigo desenvolvem a interação dialógica e a interdisciplinaridade, como prevê a Política Nacional de Extensão Universitária. O processo de interação não é tão fácil, porque

nas trilhas percorridas há barreiras, como a dificuldade em desenvolver um site e encontrar apoio técnico disponível em uma universidade pública com muitas demandas. Na interação dialógica, o relacionamento entre a universidade e a sociedade deve ter como base o diálogo e a troca de saberes. Para ocorrer a interação, no entanto, é necessário tempo. O suficiente para que os laços de confiança se estabeleçam. É neste momento que percebemos o envolvimento da comunidade, participando de todo o processo do projeto, desde o planejamento até a avaliação das ações contínuas. No NECP, como vimos anteriormente, são estabelecidos vínculos e integração com os moradores para promover o debate com a intenção de transformar a sociedade.

A interdisciplinaridade promove a interação de modelos, conceitos e metodologia advindos de diversas disciplinas e áreas do saber, para que a relação teoria-prática se efetive. O MEPE, por exemplo, procura a interação de alunos e professores de Letras, Comunicação e Educação com docentes de escolas públicas para melhorar a qualidade de ensino a partir de conteúdos midiáticos. Logo, a extensão passa a ser um esforço para proporcionar aos alunos uma concepção de formação sem a dependência da sala de aula tradicional. Ela se expande para a sociedade, também vista como local de ensino-aprendizagem e de produção do conhecimento.

Alguns resultados já podem ser identificados nas falas dos alunos que participam dos projetos de extensão aqui apresentados e em algumas ações, como a autonomia conquistada no programa Rádio Z do Colégio Herbert de Souza, em São José dos Pinhais. E a atuação transformadora procura se voltar às necessidades da sociedade para promover o desenvolvimento social, com repercussão nas decisões sobre políticas públicas. Para isso, prevê acompanhamento das ações de forma participativa e avaliação de resultados para análise dos benefícios conseguidos, mostrando a transformação efetivada.

Com esses pressupostos conduzidos em conjunto, a extensão se caracteriza pelo foco interdisciplinar, de intervenção social, interação dialógica e construção coletiva dos conhecimentos. O objetivo é ter um impacto significativo na vida de todos os envolvidos no processo, favorecendo a autonomia e o protagonismo dos sujeitos. Além disso, volta-se à cidadania, afastando-se da lógica do mercado.

No Brasil, o tripé ensino-pesquisa-extensão nem sempre consegue ser colocado em prática nos cursos de jornalismo, mas os exemplos aqui mostrados revelam que a conexão com a sociedade forma um cidadão mais crítico e disposto a transformar e ser transformado. Desse modo, como pontua Ismar Soares, diversas ferramentas podem ser usadas nos processos de aprendizagem, fortalecendo a ação que “tem como essência a intencionalidade educativa e como meta o pleno exercício da liberdade de expressão dos atores sociais”. (Soares, 2013: 186)

A ideia de uma formação crítica e reflexiva engloba uma preocupação cidadã e de responsabilidade social, em que se assume um compromisso diante da socie-

dade em suas ações (Citelli e Costa, 2011). O senso de coletividade e a certeza de se sentir parte do mundo, de se inserir em algo maior, menos individualista. Isso é uma prática libertadora, como coloca Freire (2001), sendo a educação caminho para a emancipação.

Finalizamos este artigo, mas não a discussão. É necessário voltar ao início deste trabalho para lembrar que precisamos ser afetados pelo mundo (Hissa, 2013). No processo de ensino-aprendizagem é necessário valorizar os elementos do sonho, do desejo, da ludicidade que, normalmente, são apagados na busca dos objetivos iniciais. Os projetos destacados neste artigo, o do NCEP e do MEPE, têm um caráter de experiência do mundo e da palavra. Dito de outra forma, todos os envolvidos nos projetos de extensão são afetados pelo mundo para tentar, juntos, construir conhecimento.

Claudia Irene de Quadros

Professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR)
clauquadros@gmail.com

José Carlos Fernandes

Professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR)
josecarlosfernandes@terra.com.br

Juliane Martins

Professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR)
juliane_martins@zipmail.com.br

Recebido em fevereiro de 2017.

Aceito em agosto de 2017.

Referências

- ABRÃO, L. Entrevista concedida a José Carlos Fernandes por e-mail em 21 de julho de 2016.
- BEHRENS, M. A. *O paradigma emergente e a prática pedagógica*. Curitiba: Champagnat, 1999.
- BELLONI, M. L. *O que é mídia-educação*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- BEZERRA, G. M. P.; BARRETO, H. M. R. Diálogos possíveis: a experiência do projeto de extensão Liga Experimental de Comunicação. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 10, 2008, São Luís. *Anais Intercom Nordeste*. Disponível em: <<http://goo.gl/YfpxNN>>. Acesso em: 6 jul. 2016.
- BORTOLETTI, Selena. Entrevista concedida a Claudia Quadros por e-mail em 18 de julho de 2016.

- BOTOMÉ, S. P. *Pesquisa alienada e ensino alienante – O equívoco da extensão universitária*. Petrópolis: Vozes; São Carlos: Edufscar; Caxias do Sul: Educ, 1996.
- BRASIL. Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014. *Diário Oficial da União* (edição extra), Brasília, 26 jun. 2014. Disponível em: < <http://goo.gl/zJk4Oe> >. Acesso em: 6 jul. 2016.
- _____. *Lei n. 9.394*, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: < <http://goo.gl/hvB4b> >. Acesso em: 6 jul. 2016.
- CITELLI, A. *Outras linguagens na escola*. São Paulo: Cortez, 2000.
- CITELLI, A; COSTA, C. (Orgs.). *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- DALLARI, Bruno. *Projeto de extensão: Mídia, espaço público e educação*. Siga, UFPR, Curitiba, 2014.
- DE PAULA, Maria Fernanda Mileski. Entrevista concedida a José Carlos Fernandes por e-mail em 21 de julho de 2016.
- FORPROEX. *Indissociabilidade ensino–pesquisa–extensão e a flexibilização curricular: uma visão da extensão*. Porto Alegre: UFRGS; Brasília: MEC/Sesu, 2006.
- FORPROEX. *Política Nacional de Extensão Universitária*, maio 2012. Disponível em: < <https://goo.gl/ce1LPm> >. Acesso em: 6 jul. 2016.
- FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GIROUX, H. A. *Os professores como intelectuais. Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- HISSA, C. E. V. *Entrenotas: compreensões da pesquisa*. Editora UFMG. Belo Horizonte, 2013.
- KAPLÚN, M. *El comunicador popular*. Quito: Ciespal, 1985.
- KUNSCH, M. M. K. *Universidade e comunicação na edificação da sociedade*. São Paulo: Loyola, 1992.
- MARQUES, I. A. A. *Educação e comunicação: reflexões sobre a necessidade de uma educação para os meios*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.
- NASCIMENTO, M. P. Entrevista concedida à José Carlos Fernandes por e-mail, em 21 de julho de 2016.
- OROZCO GÓMEZ, G. *Educomunicação: recepção midiática, aprendizagens e cidadania*. São Paulo: Paulinas, 2014.
- POLICHUK, M. O. *A extensão universitária na Universidade Federal do Paraná*. 1995. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 1995.
- ROCHA, Isabella Beatriz Fernandes. Entrevista concedida por e-mail à Claudia Quadros em 19 de julho de 2016.
- SANTOS, B. S. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*. São Paulo: Cortez, 2004.

SOARES, I. O. Educomunicação: as múltiplas tradições de um campo emergente de intervenção social na Europa, Estados Unidos e América Latina. In: LIMA, J. C. G. R.; MARQUES DE MELO, J. (Orgs.). *Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil: 2012/2013*. Brasília: Ipea, 2013. v. 4, p. 169-202. Disponível em: < <http://goo.gl/u7B9ag>>. Acesso em: 6 jul. 2016.

_____. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação. Contribuições para a reforma do Ensino Médio*. São Paulo: Paulinas, 2011.

SPHAIR, Amanda. Entrevista concedida a Claudia Quadros por e-mail em 7 de julho de 2016.

Notas

1 Este trabalho foi apresentado no 14 Encontro da SBPjor, realizado em Palhoça, Santa Catarina.

Resumo

Projetos de extensão são tema deste artigo, que procura descrever como diferentes experiências podem contribuir com o processo de aprendizado e com a formação de cidadãos mais críticos. Os dois projetos selecionados são coordenados por professores da Universidade Federal do Paraná e buscam oferecer uma visão mais ampla da sociedade por meio da educomunicação. A extensão universitária e a sua incidência no ensino de jornalismo também são exploradas como promotoras da interação e do debate com a comunidade. A partir de uma pesquisa exploratória, foram feitas entrevistas semiestruturadas com estudantes de comunicação que participam dos projetos “MEPE – Mídia, Espaço Público e Educação” e “NECP – Núcleo de Comunicação e Educação Popular” com o objetivo de descobrir em que medida a extensão universitária pode contribuir com o processo de ensino–aprendizagem e com a produção de conhecimento.

Palavras-chave

jornalismo; extensão; cidadania; educomunicação; universidade.

Abstract

Extension projects are this article’s subject, that seeks to describe how different experiences can contribute to the learning process and the formation of more critic citizens. Both selected projects are coordinated by Professors of Paraná Federal University and aim to offer a wider view of society through the educommunication. The university extension and it’s incidence on Journalism teaching are also explored as promoters of interaction and the debate with the community. From a exploratory research, we did semi-structured interviews with Communications students that participate in the projects “MEPE - Media, Public Space and Education” and “NECP - Communication and Popular Education Core” with the objective of disclosure in what measure the University Extension can contribute to the process of teaching-learning and with the knowledge production.

Keywords

Journalism. Extension. Citizenship. Educommunication. University.